

Cenário Econômico Junho/2022

Após um mês de maio relativamente tranquilo, em junho houve acentuada deterioração nos mercados.

A inflação acima das expectativas nos EUA foi suficiente para gerar pânico nos investidores. A necessidade do controle inflacionário pelos Bancos Centrais, com uma postura mais firme na condução da política monetária, reforçou a percepção de risco de uma desaceleração mais intensa da atividade econômica global.

Com isso, a mensagem que o Banco Central Americano havia passado de outros dois aumentos de 50bps na taxa de juros, não se confirmou. Dada a persistência inflacionária, o Fed adotou uma postura mais austera, elevando as taxas de juros em 75bps em junho. A medida aumentou a incerteza nos mercados, provavelmente porque o nível das taxas de juros está ainda baixo, com muito espaço para a normalização da taxa básica de juros. Com isso, houve rápido ajuste da curva de juros para cima.

Somou-se ao ambiente pessimista, a continuidade do conflito entre a Rússia e Ucrânia e o desempenho limitado da economia chinesa em virtude do confinamento social no combate à pandemia de Covid-19. O S&P500 fechou em queda de 7,4% em junho, completando 6 meses de desvalorização quase ininterrupta.

No Brasil o fato positivo foi o desempenho econômico que tem, por ora, surpreendido positivamente em 2022. A mediana do crescimento do PIB encontrava-se, até o 1T22, em apenas +0,3%, com projeções até mesmo indicando retração de -2%. A trajetória cadente das expectativas reverteu-se, e passou a indicar um crescimento ainda baixo, porém mais vigoroso do que o esperado até então, indo na contramão do observado em outras economias. O que realmente pesou no desempenho do mês foi à expectativa de liberação de novas despesas acima do teto de gastos, aliada à preocupação de inflação e recessão mundial.

Com isso, as taxas de juros sofreram alta, com forte queda na bolsa de valores. O IBrX fechou com queda de 11,6%, a maior desde março de 2020 (início da pandemia), acumulando queda de 5,7% no ano. O Ibovespa perdeu o nível simbólico dos 100 mil pontos, fechando junho em 98,5 mil pontos. A aceleração do ritmo de aperto monetário por parte do Fed pesou sobre o Real, que foi a moeda global de pior performance no mês. A moeda brasileira desvalorizou-se 9,7% em junho contra o dólar.

Nesse cenário, apenas o Perfil Conservador teve rentabilidade positiva. Os Perfis Moderado e Agressivo sofreram, sobretudo, com a bolsa local e fecharam negativos. O cenário continua bastante volátil, mas o mercado já precifica potencial de alta na bolsa nos próximos 12 meses, dado o nível bastante deteriorado dos preços atuais.